
Em tempo real: o *ao vivo* como dispositivo de integração e identificação telejornalística na TV Panorama¹

Soraya Maria Ferreira Vieira²
Míriam Aparecida Santos³

Resumo: O objetivo é identificar como a antiga TV Panorama, atual TV Integração, localizada em Juiz de Fora-MG, legitima sua presença na Zona da Mata Mineira e Campo das Vertentes constituindo-se como fator relevante de comunicação em que a sociedade local/regional parece depositar confiança. Capturamos justamente este momento de transição da passagem desta emissora de uma direção à outra onde se amplia enormemente seu raio de atuação, ou seja, produção e recepção. Por meio de uma sistematização dos dados foi possível estabelecer afirmações de como a emissora reconfigura seus processos comunicativos para disputar a atenção do “novo” telespectador, além de constituir-se como agente de desenvolvimento e integração da região. O foco foi para as estratégias das emissões *ao vivo*, traço que se mostrou como meio de conquista do público que reconhece mais realidade e credibilidade em uma mensagem transmitida em tempo real.

Palavras-chave: comunicação; linguagem audiovisual; identidade

Abstract: This work intends to identify how former Panorama TV, the current TV Integração, located in the city of Juiz de Fora, Minas Gerais, strengthens its presence in the Zona da Mata and Campo das Vertentes region by establishing itself as a relevant factor for communication, integration and development. It presents the occasion when the station vastly extends its capacity of production and public reception and, using quantitative and qualitative analysis, the understanding of how it resets its communication process to compete for the attention of the new viewer. The focus was on live emissions strategies that proved to be a way of acquiring public recognition, considering that real time messages convey the sense of reality and credibility.

Key-words: public identification; audiovisual language, TV newscast

¹ Este trabalho consiste em parte dos resultados abordados em pesquisa científica financiada pelo programa PIBIC/CNPq no período 2011/2012.

² Professora (UFJF). Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP). Email: sovferreira@gmail.com. CV: <http://lattes.cnpq.br/3142292285628321>

³ Graduanda em Jornalismo (Universidade Federal de Viçosa). Bolsista de iniciação científica do CNPQ. Email: miriam.apdasantos@gmail.com

Surgimento, consolidação e expansão da TV Panorama

Marcada pelo grande desenvolvimento Industrial a partir da década de 1960, o que lhe rendeu o título de “Manchester Mineira”, Juiz de Fora é também pioneira na produção audiovisual do país. Localizada na Zona da Mata Mineira a 278 Km da capital, a cidade sediou a TV Industrial (que entrou no ar em 24 de julho de 1964), considerada a primeira emissora geradora de sinal televisivo em uma cidade do interior na América Latina.

Experiências de transmissão de imagens já haviam sido feitas muito antes, porém, em 29 de setembro de 1948, quando o técnico Olavo Bastos colocou no Parque Halfeld equipamentos para veicular o jogo de futebol que acontecia entre o Tupi, time da cidade, e o Bangu, do Rio de Janeiro (OLIVEIRA, 2008). Mas foi efetivamente no início de 1960 que a cidade passou a transmitir sinal televisivo com a reprodução da programação de três canais de TV do Rio de Janeiro: a TV Tupi, a TV Rio e a TV Continental.

É também nesse período que o diretor dos Diários Associados, Renato Dias Filho, instala em Juiz de Fora a TV Mariano Procópio, localizada no Morro Arado, atual alto do São Benedito. Com um caráter experimental, fazia “aparições esporádicas e nos primeiros anos a emissora veiculava, na maior parte de sua programação, produções da TV Tupi do Rio de Janeiro, além de programação local” (OLIVEIRA, 2008:47).

Em março de 1963, o presidente João Goulart cedeu a concessão da TV Mariano Procópio para o proprietário da rádio Industrial e Difusora, Sérgio Vieira Mendes. Nascia aí a TV Industrial, uma emissora mais autônoma que, com o objetivo de ser popular, dava grande visibilidade ao público veiculando principalmente programas de auditório e adaptação de produções radiofônicas.

A TV Industrial foi a primeira e única emissora do sistema de TV aberta genuinamente local, já que as 12 horas de programação local diária que foram ao ar de 1964 a 1980 [...] eram quase na totalidade produzidas pela própria emissora que não era filiada a nenhuma rede de TV nacional (RODRIGUES, 2007: 2).

Após passar por problemas financeiros, a TV Industrial foi integrada ao grupo Roberto Marinho em 1980 e passou a transmitir o sinal da Rede Globo. A

mudança reduziu a programação local, uma vez que era fortemente dependente da matriz no Rio de Janeiro e funcionava sobre a lógica de aprovação da “cabeça de rede”. Buscando ainda maior expansão, a emissora investiu em uma nova marca:

Numa estratégia da Rede Globo, também para atrair novos mercados publicitários, a TV Globo Juiz de Fora passa a se chamar TV Panorama em 1998. O estímulo à nova regionalização fez com que o espaço reservado ao telejornalismo local crescesse de 15 minutos para aproximadamente 50 minutos diários (OLIVEIRA, 2008:39).

Juiz de Fora passa assim a transmitir como produção televisiva local a programação de três emissoras: TV Panorama (afiliada Rede Globo), TVE Juiz de Fora (afiliada TVE Rio⁴) e TV Alterosa (antiga TV Tiradentes na década de 1990, vendida ao SBT em 1999). Como retransmissão de canais, manteve a TV Rede Minas, TV Assembléia de Minas, Bandeirantes, MTV e Canção Nova.

Em 2003, a TV Panorama foi vendida ao empresário Omar Resende Peres depois que a Globo colocou à venda algumas emissoras afiliadas do interior. O empresário então agrupou uma rádio, um jornal impresso, um portal de internet e uma empresa de eventos à TV e constituiu o grupo OP.COM. (Organização Panorama de Comunicação).

A emissora era então responsável pela produção local de dois telejornais (MGTV 1ª edição às 12:15hs e 2ª edição às 19:00hs), boletins diários (Panorama Notícia ao longo do dia), um programa rural (Panorama Rural aos sábados de manhã), e um programa de entrevistas estilo *talk-show* (Panorama Entrevista aos domingos à noite). O restante dos horários era preenchido com retransmissão da programação da TV Globo no Rio. Com sede na torre do Morro do Cristo no bairro Mariano Procópio, a emissora através do canal 05 distribuía sinal a 121 cidades da Zona da Mata Mineira e Campo das Vertentes.

Com um discurso de crença em perspectivas macroeconômicas, o superintendente do Grupo Integração, Rogério Nery, anunciou oficialmente a compra da TV Panorama em 07 de fevereiro de 2012. Depois de mais de 30

⁴ A TVE Juiz de Fora entrou no ar em 1981 e passou a gerar sinal em 1989, com programação principalmente carioca. Em 2006, se integrou à TV Visão (emissora de sinal fechado criada em 2003) no canal 36 apenas para assinantes na cidade (OLIVEIRA, 2008).

anos, o nome da emissora encerrava sua história junto a uma campanha de valorização e integração da cultura mineira (sob o slogan “Minas é Você”) promovida por diferentes atores da Rede Globo.

O Grupo que possuía sede em Araxá, Ituiutaba e Uberlândia (com cobertura em cidades do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba, Noroeste, Pontal e Centro-oeste), composto por três emissoras de TV; quatro emissoras de rádio; empresas de mídia externa; pelo site Megaminas.com; uma operadora de TV a cabo; jornais impressos; pela produtora de filmes publicitários *Imaginare* e um hotel; passou a abranger 233 municípios em Minas Gerais e mais de 5,5 milhões de telespectadores com a fusão das emissoras.

Além da ampliação da estrutura de engenharia e tecnologia do canal, as logomarcas também sofreram transformações com a adesão do nome Integração ao nome da emissora e seus programas Panorama Rural (transformado em MG Rural), Panorama notícia (Integração Notícia) e Panorama Entrevista (retirado do ar). Programas como “Carona” e “Bem viver” produzidos na sede de Uberlândia também passaram a fazer parte da programação em rede na nova cobertura regional.

A organização da programação nos telejornais MGTV e os formatos de produção telejornalística se mantiveram com a compra da emissora. Mas percebe-se claramente que o *ao vivo* constitui-se como forte tendência de emissão tanto para cativar o telespectador, quanto para reforçar a ideia de integração entre mídia e público, algo que será comprovado nos dados posteriormente enunciados. Antes, no entanto, de passarmos para o ponto-força da pesquisa que é esse tipo de produção-emissão, mostramos abaixo os métodos científicos aplicados como embasamento analítico.

Metodologia

No período de 06/02/12 a 27/02/12 foram gravadas 43 edições (21 do MGTV 1ª Edição e 22 do MGTV 2ª Edição) das emissões *broadcasting* do telejornal, nas quais foram selecionadas 40 edições (20 de cada) para posterior avaliação quantitativa/qualitativa dos dados. É importante ressaltar que os

gráficos alternam a quantidade total de matérias uma vez que tomou-se como base para análise um conjunto de 40 edições, podendo ocorrer alternância de uma ou outra entre as 43 gravadas já que ambas configuram um modelo padrão de emissão e tal diferença não compromete a confiabilidade das informações. Considerando que se tratam de dados estatísticos, propõe-se uma média de formatos e tempo emitidos, sujeita, no entanto, à ocorrência de eventos temáticos no decorrer do ano que podem reconfigurar os tipos de emissões.

Assim sendo, para efetivar a coleta dos dados conseguimos o apoio da Coordenadoria de Comunicação Social (CCS) da Universidade Federal de Viçosa (UFV) que forneceu um técnico para gravações sucessivas e periódicas dos telejornais da TV Panorama (via captura direta com DVD digital e salvamento de arquivos em DVDs Rooms). O foco se delineou em uma análise sincrônica buscando destacar os elementos significantes dos quadros e matérias do telejornal, bem como levantar qual o objetivo de se apresentarem de determinado modo.

A partir do acompanhamento sistemático das emissões dos telejornais, foi possível estabelecer relações entre os dados numéricos de tempo de entrevistas e da fala de fontes específicas⁵, quantidade de matérias *ao vivo* matérias gravadas e quantidade temática das editorias, com os efeitos e significados das informações para a representação da programação e do próprio telespectador inserido na TV. A organização dos dados em gráficos e tabelas revelam informações como:

- Relação do tempo total dedicado a matérias *ao vivo* e tempo total dedicado a matérias pré-gravadas, bem como a quantidade de matérias equivalentes a cada formato refletindo sua valorização no telejornal;
- Relação do tempo (minutagem) e da quantidade de matérias *ao vivo* e pré-gravadas proporcionalmente às cidades em que foram mostradas, o que possibilita verificar a integração da emissora na região;
- Relação das temáticas das editorias veiculadas para saber o que é considerado e transmitido enquanto notícia, bem como imagens de como o *ao vivo* é veiculado seja em reportagens, seja em informações sobre o tempo na região.

⁵ Tais dados não constituem-se como foco analítico no presente trabalho, portanto, não serão debatidos em questão.

O *ao vivo* como linguagem integrada e identificação do público

Os sentidos da comunicação no telejornal se constroem na medida em que o programa ordena o dia-a-dia traduzindo os signos naturais e os fenômenos em algo a princípio imaterial e estético – a imagem – que evoca coerência devido ao controle da narrativa verbal (VIEIRA, 2000). É a imagem, o som, as falas, organizadas de forma específica, que movimentam e constroem os significados vivenciados no vídeo. Para o jornalista belga Jerpers, “o telejornal é um gênero televisivo em si, com as suas próprias regras de seleção, hierarquização, estruturação narrativa, mediação (JERPERS, 1998: p.175)” que ordenam sua estrutura.

Os modos de produção, organização e veiculação dos programas telejornalísticos podem produzir, portanto, contextos sociais capazes de gerar processos significantes para o telespectador e formas de identificação e reconhecimento com o que é apresentado na tela. O fato de o telejornal ser um programa diário (foge à rotina apenas no domingo, único dia em que está ausente) se transforma, por exemplo, em seu apelo mais forte enquanto recurso para gerar hábitos no cotidiano dos indivíduos, inserir-se em meio às suas atividades de modo a fazer parte do dia-a-dia como algo necessário, ligação entre a sua realidade e o que acontece no mundo à sua volta.

A própria atividade de se assistir ao programa requer certa exclusividade (e por consequência envolvimento, convívio), uma vez que pela sua natureza informativa demanda uma dedicação de tempo tanto devido à atenção exigida do telespectador (que se abstém do exercício de certas atividades para compreender a linearidade dos acontecimentos relatados), quanto pela propriedade da “hora marcada” que implica em presença fixa em determinado espaço-tempo (Fig. 1).

Essas características da mediação televisiva é que passam a proporcionar relações de afetividade e identidade entre programação e telespectador. Para o filósofo e pesquisador Tilburg, na medida em que o indivíduo se encontra num ambiente como a casa para assistir a um programa na TV – espaço este caracterizado pela intimidade, pessoalidade e aconchego – e projeta-se à sua

frente um segundo ambiente que é o espaço televisivo, resultado de um processo eletrônico, presenciamos aí a “arquitetura” de um terceiro ambiente que é o espaço de interlocutoriedade, ou seja, o momento em que receptor e emissor dialogam entre si num processo comunicativo indireto e mesmo subliminar ao passo em que se entreolham pela televisão. A (Fig. 3.1) é um exemplo desse estado ao mostrar o olhar fixo dos repórteres em direção à câmera.

O entreolhar-se, a entonação e a expressão facial permitem perceber a qualidade e mesmo o sentido do acontecimento tratado, confirmados depois pela imagem. Em alguns momentos, o estado de interlocutoriedade decorre da articulação do entreolhar-se e da fala/audição. Em outros, da unidade construída pelo *continuum* espaço-visual projetado no televisor, no momento da fala-audição (TILBURG, 1996: 236).

É pela junção de variados elementos constitutivos da linguagem televisiva que o telespectador se sente parte da representação noticiosa emitida pelo telejornal, vê-se enquanto sujeito participante da própria produção jornalística e da realidade apresentada na tela.

Conforme a entonação, o ritmo, o volume e o timbre da voz, a fala estabelece com o interlocutor uma relação na qual cada um destes componentes, em virtude de suas qualidades típicas, exerce uma função específica de mediação. Tratando-se da fala televisiva, estes componentes ressaltam o clima de informalidade, valorizando de modo enfático, a interpessoalidade, o “estar em casa”. Em outras palavras, a fala televisiva postula um ambiente de intimidade. Não é sem razão que a utilização da saudação “Boa noite”, no início e no final do telejornal, e o uso do pronome da primeira pessoa do plural em “Estamos no Maracanã”, quando se inicia a transmissão de um jogo de futebol, refletem e enfatizam um “estar juntos” (TILBURG, 1996:239).

A linguagem usada no telejornal carrega elementos que aproximam o telespectador da notícia e da própria emissora. Ao se fazer uso de pronomes pessoais, possessivos, demonstrativos e advérbios de lugar, o locutor/apresentador insere o indivíduo no estado de interlocutoriedade refletindo a ideia de um “estar juntos”. Isso é claramente percebido nas emissões especiais transmitidas entre 04 e 06 de fevereiro de 2012 em que o MGTV 1ª Edição da TV Panorama aumentou seu tempo de programação de 30 minutos para aproximadamente 45 minutos (passou a começar às 12:00hs, não mais às 12:15hs) e, com aparições no decorrer da programação em rede, a apresentadora Érica Salazar anunciava a mudança com o discurso:

A partir desta segunda-feira o MGTV 1ª Edição começa mais cedo, ao meio-dia. Você vai ter mais tempo para acompanhar as notícias da nossa região de segunda a sábado aqui na TV Panorama. É mais espaço para o nosso jornalismo diário nas cidades da Zona da Mata e Campo das Vertentes. É muito mais informação pra você.

Já efetivamente no dia da mudança, em 06/02/12, a escalada do jornal foi apresentada primeiramente com chamadas sucessivas dos repórteres *ao vivo* em diferentes locais da região enunciadas da seguinte forma:

- “E tem estudante comemorando a entrada na universidade. A UFJF divulgou agora a pouco o resultado final do vestibular 2012”, por Ricardo Ribeiro;

- “Aqui em São João Del Rey nós vamos falar sobre os preparativos para o carnaval 2012 e vamos estar ao vivo com um grupo que quer preservar a memória dos antigos carnavais da cidade”, por Luciano Teixeira;

- “Em Barbacena é implantada a unidade da junta comercial que faz parte do programa Minas Fácil. A promessa é agilizar a instalação de novas empresas”, por Renata Miranda;

- “Em Muriaé muito calor e as consequências das chuvas ainda fazem parte do cotidiano”, por Felipe Menicucci.

O uso do pronome possessivo “nossa” enunciado por Érica Salazar ao se referir às notícias transmitidas em uma região que é comum tanto pela sede da emissora, quanto pelas residências dos telespectadores, assim como o advérbio de lugar “aqui” em que Luciano Teixeira faz referência direta à cidade em que está gravando, somadas ao fato das demais chamadas se apresentarem consecutivas em locais diversos, sempre com um início ressaltando a cidade, reflete uma tentativa da TV Panorama de reforçar sua presença nas cidades da Zona da Mata e Campo das Vertentes, assim como uma forma de demonstrar integração e fortalecimento de seu telejornalismo regional.

Tais componentes da fala televisiva constituem, segundo Tilburg, “uma indicação consistente da existência de uma nova modalidade de espaço-tempo, ancorada nos processos dos meios técnicos e materiais eletrônicos” (TILBURG, 1996:240). Ao se usar os referidos pronomes, abre-se mão de um discurso individual e unilateral do apresentador em virtude do estado de interlocutoriedade que introduz o indivíduo no diálogo. A referência constante de que o telejornal é pensado *para* o telespectador e produzido *com* a sua participação reforça ainda mais essa modalidade.

Além dos componentes particulares constitutivos da fala, o *ao vivo* se apresenta como um elemento fundamental na construção desse estado de interlocução arquitetado pelo espaço-tempo. É com esse formato de emissão que a televisão tem menor possibilidade de ruptura da continuidade de forma que a surpresa presente nas linguagens possa, nas suas narrativas, gerar fatos novos, construídos à medida que o programa é enunciado. Pode também trazer à tona, muitas vezes, informações que ficam subjacentes aos significados não expressos num roteiro programado e bastante editado da TV (VIEIRA, 2000:84).

Segundo Arlindo Machado, é esse tipo de transmissão que marca mais profundamente a experiência dessa mídia. Além de ter nascido *ao vivo*, a televisão “desenvolveu todo o seu repertório básico de recursos expressivos num momento em que ainda operava *ao vivo* e esse continua sendo o seu traço distintivo mais importante dentro do universo do audiovisual” (MACHADO, 2000:125).

A força do *ao vivo* reside no fato de que a emissão da imagem pode se dar de forma instantânea e simultânea com a sua própria recepção pelo telespectador caracterizando, de fato, o tempo presente como presença no vídeo. É o tempo real, o chamado “eterno presente” conforme salienta Arlindo Machado, algo que modifica de modo considerável a percepção e atuação do indivíduo enquanto telespectador.

Resulta daí a marca de efemeridade que caracteriza o produto televisual: a transmissão direta desmoraliza a noção de “obra” como algo perene, durável e estocável, que possa se reproduzir infinitamente para as gerações sucessivas, substituindo-a por uma entidade passante, o aqui-e-agora do faiscar eletrônico. Por consequência, diante da emissão simultânea o espectador se sente co-participante de um processo em andamento e se a mensagem lhe diz respeito particularmente essa impressão de participação pode se converter numa mobilização real, como costuma acontecer em certas catástrofes televisionadas (MACHADO, 1995: 76).

Ao contrário dos meios de fotografia e cinema que necessitam de um tempo de processamento do material entre o momento em que se posa para a câmera e aquele em que é possível ao indivíduo visualizar o produto final,

(...) numa transmissão direta de tevê, entretanto, qualquer espécie de assepsia do material significativo deve ser efetuada no ato mesmo da emissão. Como isso nunca é inteiramente possível, já que a imponderabilidade dos eventos tomados no próprio ato não pode ser de todo controlada, não há como impedir que se manifestem no produto final essas rebarbas subjacentes à mensagem, com todas as insinuações, equívocos e arranjos que denunciam a manipulação (MACHADO, 1995: 69).

Um exemplo da sujeição ao imprevisto em que a TV se encontra em transmissão direta é o ataque à repórter Monalisa Perrone em 31/10/11 enquanto fazia a cobertura do câncer do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva *ao vivo* para o Jornal Hoje, em frente ao Hospital Sírio-Libanês em São Paulo-SP. Um grupo identificado como “MerDTV” empurrou a repórter alegando protesto contra a Rede Globo e a cena ficou no ar por alguns segundos antes do corte. Depois de um tempo, recuperada do susto, Monalisa voltou novamente às câmeras para afirmar que estava bem.

O *ao vivo*, enquanto dispositivo de comunicação submetido às ações do acaso e do imprevisto, tende a ser fundamentalmente valorizado por refletir uma forma de tornar menos repetitiva a produção de linguagem televisiva e uma busca de um estilo menos artificializado de contar e veicular suas narrativas, sejam elas informativas, ficcionais e/ou artísticas. Ainda que se corra o risco de veicular perda de foco, perda de motivo ou enquadramento, dispersão, erros de narração, visão distorcida de um evento ou quaisquer outras circunstâncias fora do controle,

(...) essa precariedade tem também a sua grandeza: nessa dissolução dos nexos tradicionais de linearidade desponta a visão (absolutamente moderna) do mundo como um nó de possibilidades, cuja fisionomia a transmissão direta reproduz em sua escansão aleatória. Não deve restar dúvida, portanto, de que a televisão – pelo menos nessa sua específica modalidade de intervenção – está solidária com as formas estocásticas da produção artística contemporânea (MACHADO, 1995: 73).

É também na especificidade desse formato de mediação que percebemos maior identificação do público com a mensagem emitida. Há uma maior percepção de realidade do telespectador diante da transmissão direta por saber da infinita abertura de possibilidades de acontecimentos que podem eventualmente vir a surgir na tela.

Inserida em um modelo mercadológico e de afiliação em que os interesses de transmissão chocam-se, muitas vezes, com os interesses financeiros – algo que fica evidente no demasiado controle do tempo da emissão de entrevistas no telejornal e na quantidade de *breaks* comerciais durante a programação, por exemplo –, bem como a necessidade de certa garantia de matérias para emissão (algo que já é inerente à televisão comercial ou estatal), a TV Panorama utiliza-se do *ao vivo* de modo que o contexto e o local mostrado tenham certa segurança de programação e ofereçam pouca margem para a improvisação ou influência de atores externos.

As emissões ocorrem, por variadas vezes, em ambientes altos (também devido a questões de ordem técnica, uma vez que a topografia das cidades da Zona da Mata – muitos morros – poderia favorecer o rebatimento do sinal) mantendo a cidade de referência como plano de fundo, ainda que sobre outras circunstâncias (em emissões pré-gravadas, por exemplo,) a temática da matéria não se efetivasse sobre este determinado local pela dissonância entre ambiente e contexto narrativo. Exemplos disso podem ser vistos na (Fig. 1) com o repórter Felipe Menicucci em 06/02/12 falando sobre as chuvas em Muriaé (primeira imagem), com a repórter Renata Miranda em entrevista com representantes de blocos de carnaval em Barbacena em 07/02/12 (segunda imagem) e o repórter Luciano Teixeira falando sobre os preparativos para o carnaval em São João Del Rey em 06/02/12 (terceira imagem).



Fig. 1: Exemplos de matérias *ao vivo* gravadas em ambientes que fogem ao contexto narrativo telejornalístico.

Tal fato é também verificado em outras situações em que um mesmo cenário é repetido em diferentes abordagens de pautas, conforme demonstra a

(Fig. 2), na qual o repórter Márcio Santos entrevista *ao vivo* no Mercado Municipal em Juiz de Fora a nutricionista Wanessa Aquino que fala sobre como preparar lanches saudáveis (primeira imagem). Em seguida, entrevista no mesmo local, o presidente do SEST-SENAT, Josafá Malta, sobre o uso de tacógrafos (segunda imagem) e, mantendo-se no mesmo ambiente, entrevista o consultor empresarial Galileu Rabelo sobre dicas para planejar o futuro profissional (terceira imagem na sequência da Fig. 2).



Fig. 2: Exemplo da utilização de um mesmo cenário para produções *ao vivo* no MGTV 1ª Edição em 27/02/12.

No entanto, embora revele ausência de combinação entre texto e imagem (ou mesmo comodidade técnica e/ou razões econômicas e institucionais), deve-se levar em conta o esforço da emissora na veiculação de transmissões *ao vivo*, o que pode ser encarado como uma tendência da TV Panorama como possibilidade de aproximação do telespectador à mensagem em tempo real na tentativa de tornar o público cada vez mais cativo quanto à sua programação.

Além da produção das matérias *ao vivo* em locais urbanos, o estúdio do MGTV (que é palco das veiculações diárias e em tempo real do telejornal para onde se converge todas as vozes do programa e que, por sua vez, contamina todos os outros planos e formatos por sua emissão sempre ocorrer *ao vivo*), também é utilizado para eventuais transmissões diretas de entrevistas com atores e temáticas diversas, bem como a apresentação de alguns quadros fixos e semanais mantidos no programa.

Na (Fig. 3), temos uma amostra de tal contexto com o apresentador Márcio Santos entrevistando no quadro “MG Responde” em 25/02/12 o técnico do time de vôlei de Juiz de Fora, Maurício Bara, e o jogador Guilherme Hage

sobre a situação do time (primeira imagem). No mesmo dia, a banda carioca OLUHAU, que viera à Juiz de Fora para gravar seu primeiro CD, também se apresenta *ao vivo* no estúdio do MGTV. Já na terceira imagem destaca-se uma amostra da apresentação semanal do repórter Inácio Novaes no quadro “MG Esporte” junto com a apresentadora Érica Salazar comentando as notícias esportivas da região (última imagem na sequência da Fig. 3)

Além dessas emissões, o *ao vivo* ainda é mostrado constantemente com imagens do tempo nos municípios da região (como na Fig. 4) no qual se ressalta uma visão parcial das cidades e mostra-se a temperatura. Em alguns momentos, os próprios repórteres, quando nas chamadas intercaladas dos apresentadores no estúdio, comentam a situação do tempo na cidade paralelamente às informações que são dadas sobre suas respectivas matérias.



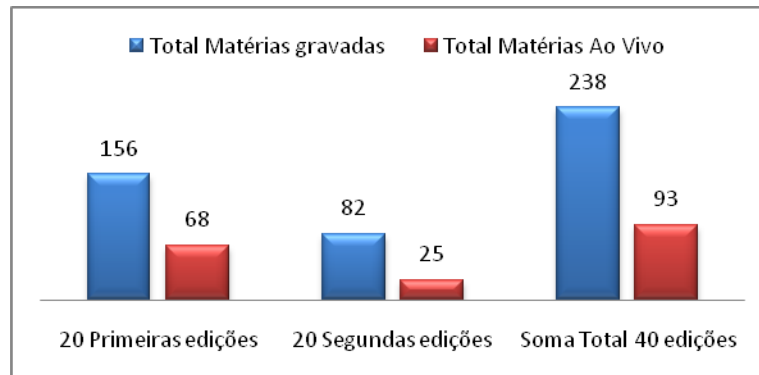
Fig. 3: O *ao vivo* também sendo investido como formato de emissão em entrevistas e quadros fixos no estúdio do MGTV.



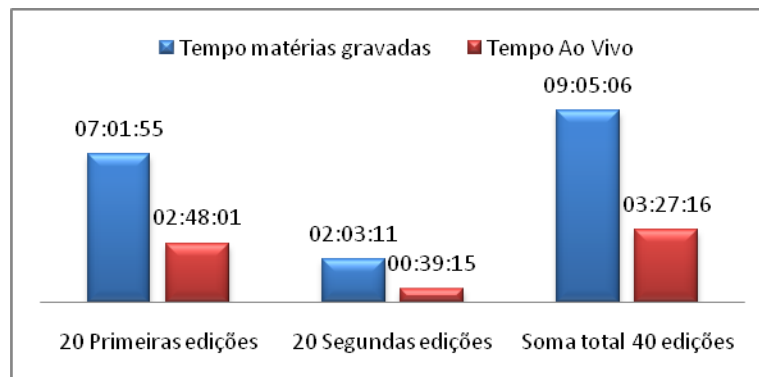
Fig. 4: Imagens *ao vivo* de Barbacena em 14/02/12, Leopoldina em 15/02/12 e São João De Rey em 25/02/12, respectivamente.

Embora as matérias pré-gravadas tenham representado mais de 70% das transmissões em um conjunto de 40 edições analisadas, como mostram os gráficos do (Quadro 1) e (Quadro 2), percebe-se uma valorização do *ao vivo* enquanto formato de emissão no MGTV, uma vez que se mantém uma média de

3 ± 1 matérias para cada 1ª Edição do programa (representando 30,35%) e uma matéria – com desvio insignificante – para cada 2ª Edição (representando 23,36%).



Quadro 1: Amostragem quantitativa de quantidade por tipo de formato de emissão no MGTV no período de 01/02/12 a 27/02/12.



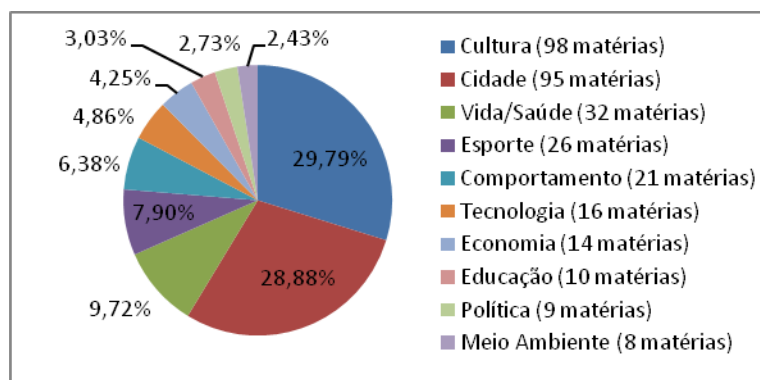
Quadro 2: Amostragem quantitativa de tempo (hora:minuto:segundo) por tipo de formato de emissão no MGTV no período de 01/02/12 a 27/02/12.

É no *ao vivo* que a imediaticidade do fato é sentida pelo telespectador que se vê, dessa forma, representado na tela já que o presente é compartilhado e coincide com o tempo simbólico praticado pelos programas telejornalísticos. É na coincidência do tempo da emissão com o da produção – não apenas em matérias no estúdio, mas aquelas produzidas na rua em que o telespectador ganha a cena e se faz ver no plano – que o local ganha realce e o público, de fato, se vê representado.

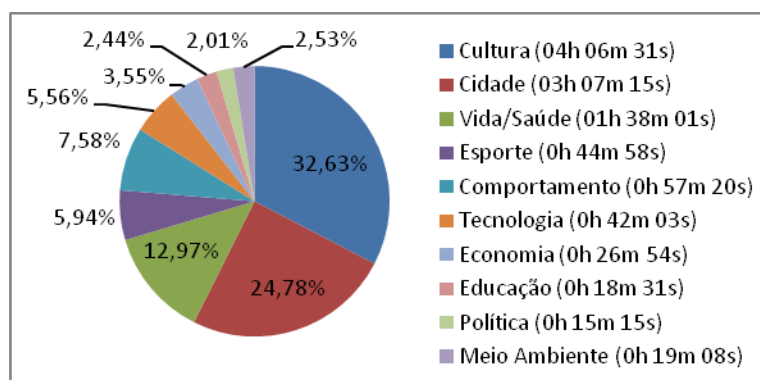
Por consequência, o laço social (WOLTON,1996:124) se faz em tempo real, presente imediato, ganhando a voz e comentário do cidadão, ou seja, gerando audiência para o programa. Gera ainda a idéia de pertencimento onde o sujeito pós-moderno, na acepção de Stuart Hall (2006:62) com sua identidade

fragmentada, móvel, cambiante, transformada e deslocada continuamente, tem a possibilidade de se reconhecer como co-participante desta fala, se vê fisicamente inserido naquele espaço processado televisualmente, pois o lugar indicializado na cena do telejornal é o seu lugar de fato e de fala. Ele, o telespectador, ao se sentir parte deste ambiente, desta localidade, tende a tomar como nascedouro de si as informações que emergem na tela eletrônica.

É importante destacarmos ainda que especialmente nas 40 edições analisadas, constatou-se uma abordagem de cunho mais cultural e temática no programa (conforme demonstra o Quadro 3 e o Quadro 4), algo diretamente relacionado ao período de coleta da amostra que coincidiu com uma das festas mais populares e tradicionais do país: o carnaval.



Quadro 3: Amostragem de temáticas veiculadas no MGTV 1ª e 2ª Edição no período de 01/02/12 a 27/02/12.



Quadro 4: Amostragem de tempo por temáticas veiculadas no MGTV no período de 01/02/12 a 27/02/12.

Devemos considerar que a cultura e sua formação se dão justamente pela presença do discurso e se constroem através das representações simbólicas que fazemos do nosso sentir e estar no mundo. Em um telejornal, que eminentemente fala ou deve falar da realidade, ao mostrar preferencialmente os

acontecimentos culturais na sua emissão estimula e introduz na sua programação o gosto por esse tipo de informação afetando, desta maneira, a própria relação da audiência com a cultura consolidada e difundida socialmente. Colateralmente estimula esse debate no *twitter* – já que entendemos que este espaço existente no ciberespaço incorpora na sua dinâmica o comentário do que se passa na TV (pesquisa que ora estamos fazendo). A nosso ver, ponto positivo alardeado pela TV Integração e muitas outras que usam a rede e seus ambientes para criar, estimular e prolongar conexões com o que é produzido e veiculado pela televisão geralista.

Considerações finais

A televisão tradicional, geralista, pode funcionar como um elemento emancipador da reflexão por parte do telespectador na medida em que estimula sua presença ou co-presença no vídeo. Numa sociedade cada vez mais convergente onde se promove liberdades individuais, gostos particularizados e onde o local é cada vez mais móvel e intercultural, o *ao vivo* pode ser um momento de partilhamento de experiências pessoais que se farão coletivas entre os cidadãos e integradas no espaço audiovisual. A presença do *twitter*, que se incorpora da lógica da TV tradicional, reestrutura as próprias formas da linguagem e as mediações convencionais da participação do telespectador na programação televisiva. Este opina e retuita o que lhe agrada ou desagrade em tempo real no mesmo momento em que a emissão se dá proporcionando uma forma diferente de socialização do indivíduo. Dessa forma, a tecnocultura pode exercer um papel democrático de informação e justamente estimular o debate, o julgamento e a própria criticidade dos indivíduos em relação a acontecimentos localizados, fortalecidos ainda mais depois que passaram a ter um fluxo regional expandido com a passagem da TV Panorama para TV Integração.

Se pensarmos a lógica dessa representatividade proporcionada pela televisão geralista no modo de organização da programação e produção de conteúdos na TV Panorama, poderemos identificar a forma como a sociedade local/regional se vê nas transmissões da emissora e como esta agrega os diferentes indivíduos em uma mesma coletividade. Ao se voltar para este grande

público (233 municípios e mais de 5,5 milhões de telespectadores mineiros depois de tornar-se TV Integração) e oferecer acesso às diferentes dimensões sociais, tal emissora inserida na lógica da televisão geralista fortalece o laço social, gera confiança entre os indivíduos vinculados a identidades coletivas e ainda se presta como forma mais democrática de diálogo essencialmente nas emissões *ao vivo* onde o acontecimento real-factual coincide com o tempo presente e o tempo de emissão televisiva.

A própria hierarquia das temáticas noticiosas (vide Quadro 4) do telejornalismo do MGTV produz um retrato midiático de acontecimentos factuais na Zona da Mata e Campo das vertentes. Os acontecimentos culturais (aqueles que de fato estão arraigados e dizem respeito direto ao cidadão), seguidos pela editoria de cidade, são os destacados para gerar identidade e retratar o local-regional em tempo real onde as emissões *ao vivo*, por nós pesquisadas, mostraram ser é o dispositivo de integração e promotor de representação social e integração entre a produção noticiosa e o telespectador.

Referências

- GHIVELDER, Zevi. Telejornal em rede. In: KAPLAN, Sheila; REZENDE, Sidney (Orgs.). *Jornalismo Eletrônico ao Vivo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p. 149-160.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MACHADO, Arlindo. O eterno presente. In: *A arte do vídeo*. 3ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- _____. *A televisão levada a sério*. 5ª Ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000.
- OLIVEIRA, Livia Fagundes de. *TV Mariano Procópio: representação e pioneirismo na história audiovisual de Juiz de Fora*. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.
- RODRIGUES, Flávio Lins. Identidade Regional nas Vinhetas dos Telejornais: Uma análise da representação visual na TV Panorama. *Anais do XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste*. Juiz de Fora, mai. 2007.
- TILBURG, João Luís Van. Arquitetura do Espaço-Tempo Televisivo. In: NETO, Antônio Fausto, PINTO, Milton José (orgs.). *O indivíduo e as mídias*:

Ensaio sobre Comunicação, Política, Arte e Sociedade no Mundo Contemporâneo. Rio de Janeiro: Diadorim Editora Ltda, 1996. p. 235-247.

VIEIRA, Soraya M. F. A repetição nos programas televisuais: casos de linguagem. In: *Líbero*, São Paulo, v.3, n. 6, Ano III, 2º sem. 2000. p. 80-92.

WOLTON, Dominique. *Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão*. São Paulo: Editora Ática, 1996.